



A Bíblia Hebraica e suas primeiras traduções

The Hebrew Bible and early translations

*Antônio Macedo dos Santos**

*Matheus Santos da Silva***

Recebido em: 26/05/2020. Aceito em: 09/06/2020.

Resumo: O estudo aborda o tema da Bíblia Hebraica e suas traduções antigas, ou seja, para o aramaico e para o grego, tendo como objetivo apresentar ao estudante que está iniciando seu percurso no estudo da Bíblia alguns elementos, materiais e dados históricos que possam ajudá-lo a construir um ponto de partida em seus estudos. Pautado numa metodologia bibliográfica, o estudo propicia o conhecimento de alguns detalhes a respeito das traduções aramaicas e gregas da Bíblia Hebraica, como por exemplo as diferenças entre os vários Targuns (traduções aramaicas) e as diversas recensões da Bíblia grega ou Septuaginta. Além disso, apresenta algumas das características mais marcantes da escrita semítica que influenciam diretamente na interpretação do texto hebraico no momento que o exegeta se detém a estudá-lo.

Palavras-chave: Bíblia. Tradução. Semântica.

Abstract: This study is about the Hebrew Bible and its ancient translations to Aramaic and Greek, in order to introduce some historical elements, materials and data that may help beginners build a starting point in their Bible studies. Based on a bibliographic methodology, this study provides the knowledge of some details about the Aramaic and Greek translations, such as the differences between the various Targuns (Aramaic translations) and the various recensions of the Greek or Septuagint Bible. In addition, it presents some of the most striking features of the Semitic writing that directly influence the interpretation of the Hebrew text at the time the exegete looks into it.

Keywords: Bible. Tradution. Semantic.

* Mestre em Educação (Universidade Federal do Acre, UFAC, 2019). Graduado em Teologia (Pontifícia Facoltà Teologica Marianum, Roma, 2014). Graduado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR, 2009).

E-mail: profantoniomacedo@gmail.com

** Graduando em Teologia (Faculdade Diocesana São José – FADISI, Rio Branco, AC).

E-mail: matheussantos1968@gmail.com





1 Introdução

Por detrás das palavras bíblicas há um trabalho secular de reflexão e síntese. Algumas vezes a dificuldade de se entender este ou aquele termo, esta ou aquela expressão são advindas do desconhecimento até certo ponto justificável, das muitas sínteses, releituras e revisões pelas quais as Sagradas Escrituras foram passando ao longo de sua milenar história. As dificuldades também podem provir de questões relativas à tradução, uma vez que, em geral, o leitor da Bíblia não dispõe das condições para ler o texto sagrado no original.

Ler a Bíblia no original não é um problema recente. Nos tempos antigos havia muita turbulência diplomática. A posse de uma terra para chamar de sua parece ter sido coisa aleatória. Quando a terra era perdida – e com ela elementos constituintes da cultura – era necessário reinventar o modo de viver e sentir. Para o povo hebreu isso foi necessário também no que se refere ao seu patrimônio espiritual.

Nos períodos de exílios e diásporas, ao contato com os ensinamentos divinos foram sendo interpostos obstáculos objetivos. Objetivas também foram as soluções encontradas. Do ponto de vista hebraico, podemos dizer que a primeira solução encontrada foi colocar por escrito todo o arcabouço espiritual que o povo recebeu através de suas gerações. Depois disso as soluções passaram a ser mais simples, mas não menos trabalhosas: traduzir esse arcabouço cada vez que se fazia necessário.

Para refletir sobre essa temática foi que organizamos este artigo. O objeto de estudo é o que entre os cristãos comumente é chamado o Antigo Testamento [AT]: a Bíblia Hebraica e as suas mais conhecidas traduções na Antiguidade. Essas versões ou traduções nos servem hoje como fontes para a análise bíblica. O objetivo do artigo é apresentar ao estudante que está iniciando seu percurso no estudo da Bíblia alguns elementos, materiais e dados históricos que possam ajudá-lo traçar um ponto de partida, ainda que muito simples, para seus estudos.

Para alcançar esse objetivo nos servimos de uma metodologia bibliográfica e organizamos o texto em quatro seções. Na primeira, *A Bíblia Hebraica*, apresentamos o processo de escrita das Sagradas Escrituras israelitas, ou seja, o processo de transição de um conhecimento oral e tradicional para sua forma escrita. Na segunda seção, *O Targum*, vamos conhecer a primeira grande tradução dos textos sagrados. Com o império



Persa se tornando cada vez mais forte, a língua hebraica perdeu espaço para a aramaica. Para adequar o texto sagrado à realidade do povo, as autoridades judaicas tiveram de proceder a uma tradução, que, todavia, possui traços por demais singulares. A terceira seção, *A Septuaginta*, é dedicada à tradução grega do AT. Nesta seção acenaremos brevemente a algumas particularidades da tradução grega realçando seu impacto nas Bíblias que temos hoje. A quarta seção foi reservada para uma breve apresentação sobre o modo como está se dando o estudo dessas versões da Bíblia Hebraica entre os exegetas. Focamos essa discussão sobre a análise semântica dos textos, pois as últimas publicações têm enfatizado isso. As reflexões que ora trazemos são entendidas como pontos de partida. Assim, funcionam como um convite a aprofundar mais as investigações sobre o tema da Bíblia, em especial a Bíblia Hebraica.

2 A Bíblia Hebraica

A Bíblia Hebraica está contida naquilo que os cristãos chamam o Antigo Testamento, embora este, pelo menos nos cânones católico e ortodoxo-oriental, inclua outros livros (provindos da tradução grega). Trata-se, segundo Gottwald, de uma obra literária ampla e, indubitavelmente, o ponto de partida do qual se serviram autoridades religiosas e tradutores para a elaboração de novas versões e traduções. Ainda conforme o autor, ela foi escrita entre

1200 e 125 a.C., em geral em hebraico, mas com breves passagens em aramaico. Foi transmitida em sequência desde a antiguidade até o presente por comunidades judaicas religiosamente observantes. No transcurso dos séculos foi passada em cópias manuscritas até que, após a invenção da imprensa em 1480, tornou-se também acessível em edições impressas¹.

Antes de ser escrita houve, pois, um extenso período de tempo no qual o povo hebreu conservou na tradição oral as prescrições da Lei (Pentateuco) e os ditos proféticos, pelos quais a vida em Israel era regida. Contudo, deve-se ressaltar que, mesmo com a tradição verbal, não se exclui a existência de alguns escritos já nesse período, que possivelmente apareceram como fragmentos importantes do Pentateuco que serviam de

¹ GOTTWALD, Norman. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 88.



fundamentação ao culto e à legislação. Com o aprimoramento da escrita, iniciou-se a confecção de textos manuscritos que foram passo a passo organizados. Foi um processo que “rompeu os séculos”². Terminada a fase da escrita, veio a etapa de organização do *cânon*³, pois era necessário fazer uma seleção de textos devido aos numerosos fragmentos textuais existentes, que nem sempre traziam no seu corpo a autêntica mensagem da Revelação no entendimento das autoridades religiosas da época. Por isso, no século I d.C., os judeus já possuíam uma coleção de livros sagrados que eles sustentavam serem inspirados por Deus e nos quais viam a expressão da vontade divina. Esses livros foram distribuídos entre as três seções: a Lei, os Profetas e os Escritos⁴.

Na verdade, essa organização das Sagradas Escrituras judaicas recebe o nome de TaNaK. Essa palavra é uma espécie de acrônimo onde cada consoante representa uma coletânea de textos sagrados. Assim, o Ta

² GOTTWALD, 1998, p. 89.

³ O termo grego *kanon* significava originalmente uma “vara de medir” e, mais tarde, num sentido derivado, uma “regra” ou “norma” para a vida. Barrera explica que o estabelecimento definitivo de um cânon de livros sagrados era sempre competência da autoridade religiosa que de modo conciliar ou não fixa a lista dos textos canônicos e ao mesmo tempo exclui os livros não admitidos. É um fenômeno histórico-social, determinado e condicionado por variadas circunstâncias. O processo histórico pelo qual os livros do AT foram assumindo caráter canônico estendeu-se provavelmente por séculos. Antes do estabelecimento de um cânon não houve uma ideia dele. A ideia foi crescendo à medida que o cânon ia se formando. No que toca ao AT, Barrera reporta interpretações que diferenciam o livro “canônico” do livro “inspirado”. O “canônico” era usado para o ensinamento e a prática religiosa. O “inspirado” se supunha composto por inspiração divina. Isso desemboca na seguinte situação: um livro canônico não precisa ser inspirado; um livro inspirado é tido como canônico; por fim, um livro poderia ser canônico e inspirado. Houve um período, o *tanaíta*, em que a obra *Mguila ta annit* era canônica, mas não inspirada. Os tanaítas consideraram que uma escritura para ser sagrada deve reunir ao mesmo tempo as condições de inspiração e canonicidade. Para o AT, os critérios de canonicidade foram a *autoridade* do texto e sua *antiguidade*. Reconheceu-se caráter sagrado aos livros considerados de origem mosaica ou profética e que remontavam a uma época anterior à interrupção da cadeia sucessória de profetas. Isto havia ocorrido no tempo do rei Artaxerxes (465-423 a.C.). Então, os livros considerados canônicos deveriam ter sido escritos antes dessa época. O livro de Daniel foi editado mais tarde. Ainda assim conseguiu entrar na lista dos canônicos só por estar sob o nome de um profeta, Daniel, que supostamente viveu na época persa. Há uma ideia muito vaga de que a *Torá* foi considerada canônica no século V a.C., os Proféticos no ano 200 a.C. os Escritos entre os séculos I-II d.C. A discussão toda conheceu seu fim no chamado sínodo de Jâmnia, cf. BARRERA, Julio Trebelle. *A Bíblia judaica e a Bíblia Hebraica: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 384-385; HARRINGTON, Wilfrid. *Chave para a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 52.

⁴ HARRINGTON, 1985, p. 52.



representa a Torá, que significa a Lei ou o Pentateuco; o Na representa a “profetas”, palavra que em hebraico pode ser grafada **nabî-im**.⁵ O K, por sua vez, representa os Kethuvim, os Escritos. Todos somados perfazem um total de 24 livros na conta judaica.

A Torá compõe-se dos livros do Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; os Nevi'im eram Josué, Juizes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, os chamados profetas anteriores, depois temos Isaías, Jeremias, Ezequiel, e aqueles conhecidos como os Doze profetas menores⁶. Os Kethuvim traziam os livros dos Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e 1 e 2 Crônicas.

A língua empregada na escrita da *TaNaK* foi basicamente a hebraica, com exceção de alguns fragmentos escritos em aramaico: “precisamente: Esd 4,8-6,18;7,12-26; Dn 2,4-7,28; duas palavras em Gn 31,47 e uma frase em Jr 10,11”⁷. As formas orais que, conseqüentemente, refletiram sua estrutura literária vão desde a narrativa, passando pelos hinos e cânticos de ação de graças, lamentações, leis, regulamentos sacerdotais, ditos proféticos até os aforismos e provérbios. Há uma tradição hebraica segundo a qual a *TaNaK* possui um significado especial. Os rolos dos textos bíblicos “sujam as mãos”, possuem um caráter sagrado. Por este

⁵ SAVOCA, Gaetano. Profezia. In: ROSSANO, Piero; RAVASI, Gianfranco; GIRLANDA, Antonio. *Nuovo dizionario di teologia biblica*. 1988. p. 1233. O texto hebraico possibilita outras formas de grafia para “profeta”, como *nevi'im*, por exemplo.

⁶ O grupo dos doze é composto por Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

⁷ MANNUCCI, Valerio. *Bíblia Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 52. A característica mais particular da estrutura linguística do hebraico e das línguas semíticas em gênero é a composição tríltera das raízes. Barrera cita como exemplo a raiz formada pelas consoantes MLK. Podem formar o substantivo MeLeK (“rei”), a forma verbal MaLaK (“ele reinou”). Foi somente no século XI que o texto bíblico começou a ser vocalizado. As vogais foram sinalizadas por pequenos sinais entre as consoantes na parte superior da palavra. O mais famoso grupo de exegetas que vocalizaram o texto hebraico é conhecido como Masoretas. Nas bíblias de hoje são representados pela sigla TM. Foi preciso vocalizar por causa da ascensão da língua árabe que ocasionava um esquecimento constate da correta pronúncia das palavras hebraicas. Em 1Rs 5,32 o texto vocalizado entende *boné* como “construtores”, enquanto a tradução grega do AT entende *bené*, “filhos”. Caso o estudioso não disponha de uma fonte vocalizada, a única solução para diferenciar se é um substantivo ou uma forma verbal é observar o contexto da palavra. Para se indicar tempo e pessoa se usam prefixos, infixos e sufixos nas raízes. Por exemplo, MeLaK-TeM (“vós reinastes”), HiMiLiK (“ele fez reinar”). As palavras que derivam de um mesmo radical se formam do mesmo jeito: MaLKâH (“rainha”), MaLKûT, (“reino”), MaMLaKaH (“soberania”), etc. Além disso, a língua é limitada em adjetivos, por isso se costuma dizer o “Santo dos Santos” entendendo com isso “Santíssimo”. O mesmo vale quando se fala “Santo, Santo, Santo...”, observa BARRERA, 1995, p. 71.



motivo, depois de tocá-los no uso litúrgico, é preciso lavar as mãos num gesto de ablução.

A formação da Bíblia Hebraica pode ser dividida em três fases. Gottwald propõe a seguinte organização

1. *A etapa da formação das unidades literárias separadas, orais e escritas, as quais finalmente se tornaram uma parte da Bíblia Hebraica, desde aproximadamente 1200 a.C. até 100 d.C.*

2. *A etapa da formação final da Bíblia Hebraica como coleção autorizada da escrita, em três partes (Lei, Profetas e Escritos), que começa por volta de 400 a.C. com a Lei como o núcleo, suplementada mais tarde pelos Profetas, e que culmina por volta de 90 d.C. com delimitação das fronteiras dos Escritos.*

3. *A etapa da preservação e transmissão da Bíblia Hebraica, tanto na língua original como em traduções para outras línguas*⁸.

A hipótese mais atendível para explicar como esse o processo de escrita da Bíblia Hebraica pôde ser efetuado, pelo menos no que se refere ao Pentateuco, é a Documental. O Pentateuco seria “um amálgama de quatro documentos – J (Javista), E (Eloísta), D (Deuteronômico) e P (Sacerdotal)”⁹. As formulações mais importantes a respeito dessas hipotéticas fontes são ligadas ao nome do exegeta alemão Julius Wellhausen (1844-1918).

Considera-se que os demais segmentos da *TaNaK* não tenham sido originados a partir dessas quatro fontes, mas de outras tradições que, em suma, tiveram sua origem em movimentos de preservação do povo de Israel. Literatura à parte, esses movimentos exerceram grande papel nos momentos em que a Lei era subjugada pelas forças dos grandes impérios do Antigo Oriente e, a surgir desse contexto, difundiram-se pelas comunidades hebraicas exiladas. É o caso do *movimento profético* e da *literatura sapiencial*. Konings realça essa ideia observando que “percorrendo o período desde o Êxodo até o exílio, percebemos que na

⁸ GOTTWALD, 1998, p. 89.

⁹ HARRINGTON, 1985, p. 219. A fonte J vem de um autor que prefere se referir ao Senhor como YHWH ou *JaHWeH*, daí a nomenclatura *javista*. A fonte E se refere ao Senhor com a nomenclatura *Eloim*. D instrui o homem de fé de modo didático e exortativo e sua instrução é mais clara no livro do Deuteronômio. Por fim, J é mais interessado na construção de códigos rituais e litúrgicos. Para mais aprofundamentos: GOTTWALD, 1998, p. 140; SANTOS, Antonio Macedo dos. *A relação com Deus: uma reflexão sobre a Antiga e a Nova Aliança à luz de Jo 2,1-12*, 2018, p. 39.



história do Israel antigo surgiram textos [...] que testemunham a compreensão que o povo e seus ‘expoentes proféticos’ tinham daquilo que ‘Deus fazia com eles’¹⁰.

Os professores e exegetas costumam se referir ao texto hebraico do AT como “hebraico bíblico”. Contudo, Barrera observa que isso é mais uma ficção que um fato, pois o AT contém um milênio de desenvolvimento linguístico. Assim, as Sagradas Escrituras judias refletem hebraicos diversos, regionalismos até. Assim, em Gn 4,13 depois de ter assassinado seu irmão, Caim se queixa ao Senhor de que sua “culpa” é insuportável. Entretanto, “culpa”, mais tarde veio a significar, conforme Barrera, “crime” ou “pecado”. Essa mudança de significado propiciou aos exegetas judeus considerar a figura de Caim não mais como um assassino, mas como um “pecador arrependido”, um “culpado”, como lê a Bíblia de Jerusalém. Essa leitura representa uma tendência teológica, mas também é fruto de ambiguidades no texto bíblico, considera Barrera¹¹.

O texto sagrado estava na língua judaica. Ao que parece as traduções mais relevantes começaram a acontecer pelo século VI a.C., embora seja difícil precisar datas quanto a isso. O que se sabe é que elas foram feitas em língua aramaica no contexto exílico e pós-exílico. Ficaram conhecidas como *Targums*¹².

3 Os Targuns

Ao final do exílio na Babilônia o hebraico clássico que havia sobrevivido no texto litúrgico e bíblico não era mais entendido. Havia sido suplantado pela língua irmã, a aramaica. Para o leitor ou ouvinte a rarefeita compreensão da *TaNak* continha risco de mal-entendidos e deformações. Segundo Konings, para evitar isso surgiu uma prática descrita em Ne 8,8, que consistia em ler o texto em hebraico e depois explicar o sentido dos vocábulos. Mas, pondera Konings, com isso não foi possível para as pessoas que não conheciam o hebraico formular um sentido do

¹⁰ KONINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 61.

¹¹ BARRERA, 1995, p. 75.

¹² Uma tradução é a transposição de um texto para outra língua. A versão por sua vez é o modo como se formula o texto, o que requer um volume de interpretação ao inserir uma figura de linguagem, por exemplo. No caso do AT, as primeiras traduções também são versões, por isso os dois termos são tomados como sinônimos em geral.



texto para suas vidas. Assim foi preciso uma *tradução interpretativa*, uma *versão*, já que é interpretativa: o *Targum*¹³.

Existiram vários *Targuns*. Como se tratava de versões, suas redações eram dotadas de pontos de interpretação que facilitavam a compreensão e a adequação das comunidades sem se distanciar da fonte original. Os *Targuns* que chegaram até nós são relativamente recentes, pois datam do século V d.C. Segundo Konings, “para nós importa aprender dos *targuns* que o texto original não se modifica. Se for preciso esclarecê-lo, seja parafraseado, mas *a letra escrita do texto original é referência imutável*”¹⁴. A palavra-chave nessa citação é “parafraseado”, pois basicamente um *Targum* é uma paráfrase. Quanto mais ela foi se aprimorando mais passaram a ter uso extra-sinagoga e a adquirir caráter literário acentuado. Conhecendo esse caráter literário os estudiosos puderam perceber que há variações ligadas à língua, pois o aramaico podia ser mais literário ou mais popular. Existiam tendências de interpretação textual ligadas também ao lugar de origem, já que podiam os *Targuns* provir da Babilônia ou da Palestina¹⁵. Na tabela abaixo temos os títulos e principais características dos que se conservaram até hoje.

Quadro 1: Os diversos *Targuns* e suas características.

TARGUM	CARACTERÍSTICA
Ônkelos	<ul style="list-style-type: none"> • Próximo ao texto hebraico; • Oficial para o Pentateuco; • Originário da Judeia; • Acolhido na Babilônia; • Século V d.C. ou depois.
Jônatan	<ul style="list-style-type: none"> • Bastante próximo ao texto hebraico; • Oficial para os Profetas anteriores (Js, Jz, 1-2 Sam, 1-2 Rs) e posteriores (Is, Jr, Ez e os doze profetas menores) • Originário da Judeia; • Acolhido na Babilônia; • Século V d.C. ou depois; • Mais perifrástico (redundante) que Ônkelos.

¹³ KONINGS, Johan. *A Bíblia: sua origem e sua leitura: Introdução ao estudo da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 113.

¹⁴ KONINGS, 2011, p. 114, itálicos do autor.

¹⁵ BARRERA, 2011, p. 384-385.



Palestinense I: Yerushálemi I-II	<ul style="list-style-type: none">• Pentateuco incompleto;• Exposição narrativa livre/<i>hagadá</i>;• Contém assuntos místicos e metafísicos.
Palestinense II: Pseudo-Jônata, Fragmentário, Fragmentos do Cairo e Codex Neophyti I	<ul style="list-style-type: none">• Pseudo-Jônata: as paráfrases estendem o texto quase que duplamente ao tamanho de seu original hebraico;• Fragmentário: textos relacionados ao Pentateuco. É sistemático. Paráfrase Extensa;• Fragmentário do Cairo: comprova a existência de diferentes recensões dos targuns palestinoses;• Codex Neophyti I: Paráfrase mais originais. Supõe que tenha recebido influência de Ônelos.
Hagiógrafos/ <i>Ketuvim</i>	<ul style="list-style-type: none">• Trata de Pr, Sl e Jo;• Alguns Próximos ao hebraico outros distantes.

Fonte: Os autores, a partir de revisões bibliográficas.

Essa tabela condensa muitas informações que podem ser ainda mais especificadas. Cumpriria explicá-la mais detidamente. Todavia, para nossa finalidade ela está adequada, pois resume os documentos em aramaico de que os exegetas dispõem hoje para conhecer mais profundamente o AT. Antes de tratar sobre a tradução do AT para o grego, podemos ressaltar alguns traços do aramaico. Os estudiosos dividem a história do aramaico em três períodos: o antigo, o médio e o recente. O aramaico antigo é o da diplomacia assíria. Esd 7,12-26 reproduz um decreto real com vocabulário diplomático. Sua datação é aproximada ao século VII a.C. O aramaico médio é mais fácil de ser identificado em textos targúmicos como o Targum de Jó e Ônelos. O NT tem expressões aramaicas, como *thalitha kumi*, *maranatha*, *efatha*, *rabouni* e *elloi lama sabachtani*. É datado entre o 300 a.C. e o 200 d.C. Desta data até o ano 900 entende-se que há um aramaico recente. É o aramaico de targuns palestinoses, por exemplo¹⁶. Além dessa versão da Bíblia Hebraica, existe ainda outra grande versão/tradução: a grega, conhecida como LXX ou Septuaginta.

4 A Septuaginta

A Septuaginta ou LXX foi a primeira tradução da Bíblia Hebraica para a língua grega. Ela constitui o primeiro exemplo de tradução de um

¹⁶ ECHEGARAY José González. et. al. *A Bíblia e seu contexto*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2000. p. 419-422.



corpo de literatura sagrada, legal, histórica e poética de um povo semita para o horizonte conceitual grego. Assim como para os *Targuns*, podemos constatar que também para a LXX existiram condições objetivas que provocaram a tradução. No século IV a.C., Alexandre Magno expandiu o império macedônico e conquistou as terras do Oriente Antigo, inclusive a Palestina. Em todo império ele promoveu o grego como língua franca para o comércio, cultura, administração e diplomacia. Muitos judeus da diáspora (fora da Palestina) e tantos outros também na Palestina, passaram a usar essa língua.

Foi sobretudo na cidade de Alexandria, no Egito, que a comunidade judaica teve uma participação marcante na cultura grega ou helenista. No século III a.C., os judeus de Alexandria, incentivados pelo rei egípcio Ptolomeu II, iniciaram a tradução da *TaNaK* para o grego. Há uma lenda segundo a qual setenta sábios traduziram toda a Bíblia e, para a surpresa de todos, quando compararam as traduções viram que todas eram iguais. Daí o nome Septuaginta ou LXX. Dessa forma, a importância da LXX, como nota Barrera, não se limita ao estudo bíblico, mas toca a história cultural e literária do ocidente e oriente europeus e do Oriente Médio semita, apesar das tantas ramificações que esses focos de cultura – bizantino, latino, semita – tiveram¹⁷.

Cabe notar que a LXX possui mais livros que a Bíblia Hebraica. São aqueles que hoje nós chamamos “deuterocanônicos”, aceitos pelos cristãos católicos em parte e totalmente pelos cristãos ortodoxos. Os católicos incorporaram Jt, Tb, 1-2 Mac, Eclo, Sab e Br. Os ortodoxos incorporaram estes e mais outros: 1 (3) Esd, 3-4 Mac, Odes e Salmos de Salomão¹⁸.

Na verdade, a Bíblia grega é uma antologia de traduções e de revisões de caráter e estilos bastante diferentes. Nisso intervieram dois fatores. Um primeiro, externo: os grandes códices se formaram do recolhimento de cópias de rolos de origem e caráter diversos. O segundo fator afeta a própria tradução: diversos autores traduziram os diversos livros com técnicas e estilos diferentes¹⁹.

Ao longo de sua história o texto da LXX passou por diversas modificações e tentativas de aproximá-la ainda mais da Bíblia

¹⁷ BARRERA, 1995, p. 376.

¹⁸ KONINGS, 2011, p. 153.

¹⁹ BARRERA, 1995, p. 376.



Hebraica. Essas tentativas consistiam em revisões para verificar os vários erros introduzidos nas cópias, melhorar a linguagem de forma que se tornasse similar ao texto hebraico. Elas são conhecidas como recensões.

Existem as recensões cristãs assinadas por Hesíquio, Luciano e Orígenes e, as recensões judaicas de Símaco, Áquila e Teodocião. Os três primeiros fizeram revisões estilísticas (Hesíquio), acrescentaram anexos para aproximá-la do texto hebraico (Luciano) e empregaram uma criticidade bastante avançada conhecida através da *Hexápla*²⁰ (Orígenes). O segundo grupo é formado por autores judeus que revisaram a LXX. Eles realizam uma tradução fiel (Símaco), reproduziram o texto de forma detalhada a partir do original hebraico (Áquila) e, revisaram o texto grego mais antigo (Teodocião)²¹.

Os primeiros cristãos eram, a maioria, judeus de cultura grega. Portanto liam a Bíblia em grego, especialmente a LXX. Esse motivo leva os estudiosos hoje a tomarem em elevada estima esta versão da Bíblia. Foi por ela, por exemplo, que os evangelistas se orientaram para citar o AT. Para concluir esta seção podemos notar que assim como os *Targums*, a LXX é mais que uma tradução, pois ela formulou o texto à sua maneira, talvez por se inscrever num ambiente religioso bastante autônomo em relação ao ambiente de Jerusalém, centro do judaísmo. Tanto que foi possível às autoridades rabínicas de Alexandria interpretarem que havia mais livros inspirados.

Havendo feito essas descrições sobre a Bíblia Hebraica e suas primeiras versões podemos nos perguntar como está se dando hoje os estudos a respeito. É importante que se pesquise sobre isto, pois a exegese está atualmente explorando mais um viés de estudos: a abordagem semântica. As considerações que ora apresentamos são bastante iniciais e servem mais como uma contextualização ao debate.

²⁰ A *Hexapla* foi uma tradução em grego organizada por Orígenes. Ele dispôs em seis (gr. *hexa*) colunas o texto. Na primeira vinha o texto em hebraico, na segunda o texto hebraico transliterado para o grego, depois vinham a LXX, a versão da LXX de Áquila, a de Símaco e a de Teodocião. Na verdade, as diversas comunidades judaicas da diáspora conheciam a Bíblia grega em coleções, certamente diferentes entre si; o número dos livros recolhidos em cada coleção podia ser maior ou menor e o texto de cada livro podia ser o original da versão ou um revisado conforme o texto hebraico mais recente. Essa diversidade parece ter causado dissonâncias, o que justifica o esforço de Orígenes em dar certa racionalidade aos escritos, como ressalta BARRERA, 1995, p. 354.

²¹ BARRERA, 1995, p. 354.



5 A abordagem semântica no estudo das versões da Bíblia Hebraica

Os estudos dessas versões da Bíblia não acontecem de maneira abrupta. Não basta saber as línguas e iniciar a leitura. Os estudiosos se aproximam dos textos sagrados de maneira metódica, isto é, possuem conhecimentos e instrumentos que permitem uma compreensão mais refinada deles.

Em geral, esses instrumentos são os dicionários e comentários bíblicos sobre o Antigo Testamento. Existem materiais que são considerados clássicos para o estudo bíblico. É o caso, por exemplo, do *Grande Léxico do Antigo Testamento* e de livros que recebem um título genérico de Introdução ao Antigo Testamento. Materiais desse tipo ainda hoje estão sendo produzidos pelos exegetas. Mas agora parece que está havendo uma mudança de perspectiva, que se refere a uma maior exploração do campo da linguística e, mais especificamente, da semântica.

A semântica é a parte da linguística que trata do significado das palavras e das construções frasais ou sentenças do período de uma frase. Uma abordagem semântica significa uma interpretação que supera o que está escrito ou o significado literal do que se diz. Na semântica uma mesma palavra, sentença ou discurso podem ter várias interpretações que podem ser diferentes de leitor para leitor. Isto confere a ela uma carga de subjetivismo. Na semântica os contextos atribuem interpretação ao que se quer dizer.

Até o início dos anos 2000 os estudos bíblicos eram mais lexicológicos, ou seja, estudavam os termos no modo como eles ocorriam neste ou naquele autor, livro etc. Para o Novo Testamento, no Brasil, já existem materiais que exploram este novo viés de estudos. É o caso, por exemplo, *Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*, lançado em 2013 pela Sociedade Bíblica do Brasil. Em língua espanhola também está disponível o *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, de 1996.

No caso do AT, ao interno do qual, como vimos, está a Bíblia Hebraica e a LXX, é possível verificar essa tendência também, mas em menor grau. Em 2017 foi lançado, no Brasil, um estudo que aqui e acolá reflete isso. Trata-se do *Faces do Antigo Testamento*²². Há também um

²² BAKER, D.; ARNOLD, B. *Faces do Antigo Testamento: um exame das pesquisas recentes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 109.



estudo do renomado exegeta espanhol Schökel, no qual ele aconselha a “no ensino e na aprendizagem do hebraico, não se contentar com a gramática, mas incluir a estilística e poética hebraica, como se fazia nos estudos dos clássicos gregos, latinos e de outras literaturas”²³. A tendência de ir além da gramática, seja em hebraico, seja em aramaico ou em grego, parece realmente estar se sedimentando. Temos publicações que já indicam isso.

Prata Ferreira²⁴, analisando a primeira palavra da Bíblia, *bereshit*, observa que ela é composta pela preposição *be* “em”, “no” e pelo substantivo *reshit*, “começo”, “princípio”. A palavra *reshit* é formada por *rosh*, que significa também “cabeça”, e por *it*, que marca abstração, ou seja, o princípio de que fala a Bíblia (Gn 1,1) é um ponto inicial, de ordenação, mas abstrato. Motivo pelo qual a autora explica que alguns rabinos preferiam falar “num princípio”, em vez de “no princípio”. Além disso, o termo *reshit* está ligado ao seguinte, o verbo *bará*, melhor entendido por analogias com outras línguas semíticas ou com a raiz hebraica *barar* que indica ideias como “construir”, “talhar”, “formar” e, ainda, “separar”, “distinguir”; e em relação com o aramaico *bar*, no qual se constata a noção de “contração” ou “diminuição”, “limitação” e “restrição.” De fato, quando lemos o texto da criação percebemos que há a ideia de limitação de espaços para o firmamento, para as águas, para o dia etc. Vê-se, pois, que o sentido da palavra *bereshit* não é dado apenas pelo conhecimento do léxico ou da etimologia dela, mas provém de uma rede de análise e de investigações em outras línguas de mesmo tronco. Dessa análise vem uma compreensão do termo.

A Septuaginta, continua Prata Ferreira, traduziu *bará* pelo verbo grego *poiéô*, “fazer”, o qual é utilizado indistintamente, para 118 verbos hebraicos diferentes. Essa tradução altera o sentido do texto original e expõe algo significativo: o pensamento grego ignora a noção de criação *ex nihilo*. Para o pensamento grego, o universo é o próprio Ser, existindo desde sempre. As versões gregas posteriores à *Septuaginta* (as recensões de Áquila, Símaco, Teodociano) traduzem *bará* para o grego *ktizô*,

²³ SCHÖKEL, L. A. *L'arte di raccontare la storia: storiografia e poetica narrativa ebraica*. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo & Gregorian & Biblical Press, 2013. p. 28, trad. nossa.

²⁴ PRATA FERREIRA, C. A. Poesiapalavra e narrativa bíblica. In.: *Arquivo Maaravi: Revista de estudos judaicos da UFMG*, vol. 2, n. 2 (2008), p. 3-4. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1591/1678>>. Acesso em 6 jun. 2020.



“construir”, “fundar”, mais de acordo ao sentido hebraico. Aqui, mais uma vez, conhecer o campo semântico grego ajuda na compreensão mais aprimorada do texto. Interessante notar que os primeiros exegetas intuitivamente se deram conta disso e, conhecendo os significados dos termos e a cultura literária hebraica, inseriram correções na Bíblia Grega. Para os *Targums* estudos desse tipo são mais difíceis de serem rastreados, talvez porque são mais utilizados pelos exegetas como instrumento para compreensão do texto hebraico.

6 Considerações finais

Ao iniciarmos estas reflexões, afirmamos que nosso objetivo, ao abordar o tema do AT e de suas versões/traduções na antiguidade, era apresentar para o estudante que inicia seu percurso no estudo da teologia bíblica alguns elementos, materiais e dados históricos que pudessem ajudá-lo a traçar um ponto de partida, ainda que simples, para seus estudos na área bíblica.

Alguns dados foram-nos possíveis elucidar. Na primeira seção, por exemplo, foi-nos possível perceber que a *TaNaK*, além de ser um acrônimo, é de alguma maneira um critério organização dos textos sagrados para o povo de Israel. Organizou-se em primeiro lugar o Pentateuco, depois os Profetas e finalmente os Escritos.

Na segunda seção, vimos que a primeira tradução dos textos sagrados foi para uma língua de mesmo tronco da hebraica, a aramaica. As traduções funcionaram também como versões, pois sendo fiel à ideia do texto original encontraram nas paráfrases outras maneiras de transmiti-lo e de colher seus significados.

Na terceira seção pode se verificar essa mesma ideia de versão, mas com a diferença de que com a LXX associada a um ambiente tipicamente grego, ou seja, crítico, iniciou-se um processo de exegese novo, uma exegese comparativa e propensa a revisões quando possível. Foi também um ambiente de canonização, pois como vimos, em Alexandria os rabinos consideraram canônicos outros textos além daqueles vindos de Israel.

Por fim, na seção quarta procuramos indicar o caminho que os exegetas estão trilhando na busca de uma compreensão cada mais vez mais precisa da Bíblia Hebraica, da LXX e do *Targum*. Os trabalhos têm sido hercúleos, mas os frutos das análises textuais por campos



semânticos levam a crer em promissores resultados. Assim, podemos pensar que o trabalho do estudioso da Bíblia é cada vez mais desafiador. Uma boa Bíblia condensa além do peso histórico e espiritual, o peso do trabalho do exegeta e do biblista que para propor uma tradução que seja a mais digna possível tem de levar em consideração documentos tão complexos como os *Targums*, a versão da LXX e o texto hebraico. Tomar ciência da existência e da importância de documentos como estes, interessar-se por eles, será talvez um passo importante para superar os obstáculos nossos para a compreensão da Bíblia no hoje e no amanhã...

Referências

ECHEGARAY, José Gonzaléz. et. al. *A Bíblia e seu contexto*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2000.

BARRERA, Julio Trebelle. *A Bíblia judaica e a Bíblia Hebraica: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

BAKER, D.; ARNOLD, B. *Faces do Antigo Testamento: um exame das pesquisas recentes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

GOTTWALD, Norman. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1998.

HARRINGTON, Wilfrid. *Chave para a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985.

KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: Introdução ao estudo da Bíblia*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MANNUCCI, Valério. *Bíblia Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1985.

PRATA FERREIRA, C. A. Poesiapalavra e narrativa bíblica. In.: *Arquivo Maaravi: Revista de estudos judaicos da UFMG*, vol. 2, nº. 2 (2008), p. 3-4. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1591/1678>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

SAVOCA, Gaetano. Profecia. In: ROSSANO, Piero; RAVASI, Gianfranco; GIRLANDA, Antonio. *Nuovo dizionario di teologia bíblica*. Cinisello Balsamo (Milano): Pauline, 1988. p. 1232-1247.

SANTOS, Antonio Macedo dos. *A relação com Deus: uma reflexão sobre a Antiga e a Nova Aliança à luz de Jo 2,1-12*. Rio Branco: Nepan, 2018.



SCHÖKEL, Luís Alonso. *L'arte di raccontare la storia: storiografia e poetica narrativa ebraica*. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo e Gregorian & Biblical Press, 2013.